

Oralidades e sabedoria ancestral na escrevivência do livro “Faísca na Cabaça de Igbá”

Mestre Kandiero

INTRODUÇÃO: Este trabalho nasce de um chamado da Yalorixá Mãe Stella, quando ela lança seu livro “Meu Tempo é Agora”, e lhe perguntam por que escrever sobre uma tradição oral. A resposta foi certa como a flecha de Oxossi: “o que não se escreve, se perde”. Entendi que não devemos guardar só na memória aquilo que foi aprendido na vida, dentro e fora da roda.

Em um passado recente, procurávamos informações sobre nossa história e não encontrávamos quase nada escrito. No entanto, o conhecimento de nossos mestres jorravam nas periferias. Hoje, temos muitas pesquisas, algumas estão disponíveis digitalmente, mas também há quem diga que o conhecimento oral dos Mestres estaria morto com o advento da internet. Esquecem que, muito do que os mestres sabem, não está nos registros acadêmicos. Então a pergunta que guia esse trabalho é simples, mas profunda: como traduzir os saberes populares, dos patrimônios afro-brasileiros, principalmente da capoeira, sem corromper a arte, mas dialogando também com academia?

A capoeira não é só “dar pernada”. Isso qualquer pessoa pode aprender. Capoeira é jogar, dialogar com o mundo. Se a capoeira é luta, luta-se pelo quê? Capoeira é movimento, sentimento, pertencimento, é uma arte que engloba várias artes. Difícil é entender o que fazer com a capoeira depois que ela é aprendida. Essa escrita vem daí: da minha vida, da minha caminhada, da capoeira que me salvou, que me deu força pra ser quem eu sou. Contar minha história é também revisitar uma parte da história do povo negro e da capoeira na história do Paraná.

METODOLOGIA: O caminho desse trabalho não começa no papel, começa na rua, nas encruzilhadas da vida. Vem da oralidade, da musicalidade, da corporeidade e da circularidade, que são bases da capoeira. O que está aqui, foi aprendido escutando, cantando, jogando, viajando, convivendo com as mestras e mestres mais velhos, e com os mais novos também.

Essa escrita nasce da vivência e pode ser chamada de escrevivência: é vida vivida virando palavra. É memória, é ensinamento, é linhagem. É, também, um jeito de enfrentar o apagamento dos nossos saberes, afirmando que o conhecimento da capoeira tem valor cultural, ético, moral e político... tudo isto em um bom pretuguês.

Para construir esse trabalho, fui buscar também registros complementares que fazem

parte desse universo: livros, discos, vídeos, histórias guardadas no baú da memória. Mas, acima de tudo, foi na escuta e na vivência que esse texto se fez, porque na capoeira o mestre canta, conta e encanta... e é assim que o saber caminha. O mestre ilumina. E vale lembrar sempre: só levanta pra ensinar quem sentou pra aprender.

Este texto apresenta um trecho do livro “Faísca da Cabaça de Igbá: Memórias de um Capoeirista paranaense na luta contra o epistemicídio”, trazendo a oralidade como fundamento e como método.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: Na capoeira, ser Mestre não é título que se pega, é reconhecimento que se constrói: não é formação, é um conjunto de elementos que fazem alguém torna-se Mestre ou Mestra. Não é sobre quanto tempo a pessoa tem, mas o que ela fez com esse tempo dentro da capoeira.

Desde 1999, venho formando alunos que hoje são professores, pessoas que seguiram seu caminho e também passaram adiante o que aprenderam. Sempre entendi que a função da capoeira é mais do que ensinar movimentos: é libertação, ela dá sentido à vida e aprendemos a jogar na grande roda que é o mundo.

A capoeira é pergunta e resposta. Ela trabalha o corpo, mas também a cabeça e o coração. Cada jogo é um diálogo, a roda é a escola-universidade, onde se aprende de verdade a lei do bom viver, cada canto é uma memória, cada jogo é um aprendizado. O que fica dessa caminhada é isso: o compromisso de não deixar esse saber se perder e de continuar fazendo ele girar no sentido anti-horário. Capoeira é o Sankofa (no convite de voltar ao passado), e é a filosofia Ubuntu, porque ninguém faz algo sozinho.

Palavras-chave: Capoeira; Oralidade; Memória; Cultura; Ancestralidade

REFERÊNCIAS:

BRITO, Elto Pereira de, conhecido como Mestre Suíno. *Capoeira e religião*. Goiânia: GRAFSET, 2001.

CAMAFEU DE OXÓSSI, Mestre. Berimbaus da Bahia. São Paulo, SP: Continental, 1963. 1 disco vinil (LP).

FRANÇA, Rafael Alves, conhecido como Mestre Cobrinha Verde. *Capoeira e mandingas*, Salvador: A rasteira, 1991.

MARUNDELÉ, Edinho; COMENDA, Onias. Eu, Bahia (Atabaque e berimbau). Bahia: Philips, 1972. 1 disco vinil (LP).

MESTRE WALDEMAR DA LIBERDADE; MESTRE CANJIQUINHA. *Capoeira Volume 1*. Rio de Janeiro, RJ: Cordão de Ouro Promoções Artísticas, 1986. 1 disco vinil (LP).

PASTINHA, Vicente Ferreira. *Capoeira Angola*. Salvador, Bahia: Escola Grafica N.S. de Lorêto, 1964.

REGO, Walldeloir. *Capoeira Angola: Ensaio Sócio-Etnográfico*. Salvador, Itapoã, 1968.

SILVA, Washington Bruno da, conhecido como Mestre Canjiquinha. *A Alegria Da Capoeira*. Salvador: A Rasteira, 1989.

TRADIÇÃO ORAL DA CAPOEIRA. Relatos e saberes transmitidos por mestres de capoeira ao longo das gerações.

AGRADECIMENTOS: